

# Um banqueiro ligado ao Brasil

por Tom Camargo  
de Londres

Chama-se Guy Huitrods o homem alto, calvo, de nariz aquilino e gestos agitados que tem andado com funcionários de Brasília por lugares dispares como a Suíça e Bahrein, o Canadá e o Japão, ele participou do "Brazilian Road Show", que levou o presidente do Banco Central a quase uma dezena de países, esteve agora com o ministro Delfim Netto na Espanha e no Golfo Pérsico e já perdeu a conta de quantas vezes atravessou o Atlântico para discutir com seus parceiros do "advisory committee", do qual é um dos vice-presidentes, o rumo das necessidades brasileiras.

Nesses meses em que a fase 11 esteve sendo negociada ele praticamente não parou mais de uma semana seguida em seu escritório no quinto andar da sede do Lloyds Bank International, no centro da City. Dalli, como diretor executivo da quele que é um dos maiores credores brasileiros - para mais de US\$ 1 bilhão em aplicações no Brasil - ele cuida também da Argentina, do Chile, do Peru, Uruguai e Paraguai, além de um banco associado na Colômbia. Mas sua agenda parece cada vez mais listar as atividades diárias de um banqueiro brasileiro.

## UM PASSADO

Huitrods pode dizer, sem recorrer a metáforas, que conhece o Brasil na carne. Entre 1965 e 1966, ainda funcionário do Banco da Inglaterra, de onde se aposentou após 30 anos de serviço, ele participou da criação, no Rio de Janeiro, do que então se chamava Banco Central da República do Brasil.

Apanhou então uma hepatite infecciosa que quase o matou — pairam dúvidas se um eventual desenlace deveria ser atribuído ao vírus ou ao tratamento inicial que teve no Brasil. Depois de uma temporada na cama, na Inglaterra, voltou ao Rio para completar o serviço.

Entre 1967 e 1970 foi um dos representantes britânicos no Fundo Monetário Internacional (FMI). A época o País negociou com o mundo e levou à prática um rigoroso plano destinado a equilibrar seu balanço de pagamentos e a conter a inflação.

Em 1975, Huitrods assumiu toda a área da América Latina do Lloyds, que só em 1980 foi desmembrada em sua atual configuração.

## VARIAS CRISES

Prestes a completar sessenta anos, viu-se de frente, ao mesmo tempo, com a crise de liquidez da América Latina e a aposentadoria compulsória pelo limite de idade. Mas, por enquanto, ele já tem acertada com o Lloyds sua permanência no posto até o final de 1984.

"Huitrods tem sido de uma dedicação extraordinária ao Brasil", comenta H. Wimmer, do Eurobraz. "Já houve dias em que esteve com febre, obrigado a ficar em casa, mas continuou a despachar interesses brasileiros", conta.

E claro que sempre há um espaço para ceticismo. O Lloyds, afinal, é um dos maiores interessados em que o Brasil dê certo. "Ele tem feito mais do que seria de se esperar", diz o ministro Delfim Netto. "É um verdadeiro amigo do País."

O personagem, contudo, desautoriza tais interpretações. "Não procuro agradecimentos, não procuro glória, apenas executo um esforço cooperativo, com meus companheiros do comitê, no sentido de manter

o Brasil dentro do sistema financeiro internacional."

O qual, segundo sua interpretação, ainda é suscetível de quebra na eventualidade de um "default" brasileiro.

"O programa do FMI é severo e implica a existência de vontade e determinação política no sentido de realizá-lo. Há sacrifícios para grande número de pessoas. Mas o Brasil sabe que não pode ficar à parte das tensões mundiais. É necessário reparar o balanço de pagamentos, colocar as contas em ordem, pagar o serviço e o principal da dívida. Esta é a única forma de criar fundações que deem uma base sólida ao País".

Os problemas imediatos de Brasília — fechamento da fase 2, com ênfase na assinatura do jumbo de US\$ 6,5 bilhões e obtenção dos empréstimos governamentais de US\$ 2,5 bilhões — ganham de Huitrods um tratamento direto.

## "NÃO É IMPOSSÍVEL"

A finalização do "jumbo" ainda em dezembro, de forma a permitir o desembolso da antecipação de US\$ 3 bilhões no calendário de 1983, "não é impossível, mas o prazo é apertado". Há um período de feriados de permeio (26 e 27 de de-

zembro, por exemplo, são festivos em quase toda a Europa, por força de escala móvel que joga feriados para os dias úteis, quando eles infortunadamente caem num sábado ou domingo) e muitos papéis a assinar.

Mas, mesmo que tudo não esteja pronto em 1983, entrar em 1984 com o pacote em aberto não configuraria problema. A melhora do "cashflow" brasileiro na área comercial e eventuais remanescentes do descongelado US\$ 1,8 bilhão e dos fundos liberados pelo FMI seriam suficientes para honrar pagamentos mais prementes.

Quanto à participação dos governos, há, segundo o diretor do Lloyds, certeza de que eles "entrarão no fluxo de caixa brasileiro".

Ele lembra que a direção do FMI conseguiu uma garantia formal do grupo dos dez países mais ricos de que os recursos apareceriam, mesmo que uns tivessem de cobrir as partes de outros, Huitrods recorre a uma antiga expressão inglesa — "beyond peradventure" — para sintetizar como se sente quanto a esta cooperação oficial. "Não há dúvida alguma "beyond peradventure" de que os recursos estão comprometidos".